



ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL

CORAL
PAULISTANO



**THE RAKE'S
PROGRESS**
DE IGOR STRAVINSKY
LIBRETO W. H. AUDEN E CHESTER KALLMAN







DURAÇÃO
APROXIMADA
150 MINUTOS

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
16 ANOS

INGRESSOS
R\$10 – 150

SINTA-SE
À VONTADE.
NA NOSSA
CASA OU NA SUA,
O THEATRO
MUNICIPAL
É SEU.

**PREFEITURA DE SÃO PAULO, SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
E FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL E SUSTENIDOS APRESENTAM**

THE RAKE'S PROGRESS DE IGOR STRAVINSKY

NOV 2021

11 e 12 QUINTA e SEXTA 19H
13 e 14 SÁBADO e DOMINGO 17H
18 e 19 QUINTA e SEXTA 19H
20 e 21 SÁBADO e DOMINGO 17H

INFORMAÇÕES E INGRESSOS
THEATROMUNICIPAL.ORG.BR

ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp

 @theatromunicipal

 @municipalsp

 /theatromunicipalsp

Praça das Artes

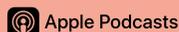
 @pracadasartes

 @pracadasartes

OUÇA O **PODCAST DO THEATRO MUNICIPAL**.
DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS.

 **deezer**

 **Spotify**

 **Apple Podcasts**

 **Google Podcasts**

 **YouTube**

Para um espetáculo seguro, confira o Manual do Espectador, disponível em:
<http://theatromunicipal.org.br/pt-br/manualdoespectador/>

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta com você para aperfeiçoar suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:

escuta@theatromunicipal.org.br e **ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br**

Programação sujeita a alteração.

realização:

#SUSTENIDOS

 **FUNDAÇÃO
THEATRO
MUNICIPAL**

 **São paulo
capital in
cultura**

 **CIDADE DE
SÃO PAULO
CULTURA**

**ORQUESTRA
SINFÔNICA MUNICIPAL
CORAL PAULISTANO**

Roberto Minczuk direção musical e regência (11, 12, 13 e 14)

Alessandro Sangiorg regência (18, 19, 20 e 21)

Maria Thais e Julianna Santos direção cênica

Fernando Portari (11, 13, 18 e 21) e **Anibal Mancini** (12, 14 e 19)
Tom Rakewell

Lina Mendes (11, 13, 18 e 21) e **Marly Montoni** (12, 14 e 19)
Anne Trulove

Leonardo Neiva (11, 13, 18 e 21) e **Michel de Souza** (12, 14 e 19)
Nick Shadow

Luís Francesconi (11, 13, 18 e 21) e **Luciana Bueno** (12, 14 e 19)
Baba the Turk

Juliana Taino Mother Goose

Luiz-Ottavio Faria Father Trulove

Giovanni Tristacci Sellem

Rafael Thomas Keeper of the Madhouse

Márcio Medina cenário

Laura Françaço figurino

Fábio Retti iluminação

Tiça Camargo visagismo

Aelson Lima assistente de direção

IGOR STRAVINSKY

The Rake's Progress

Arranjos de Boosey & Hawkes, Inc. Editora e detentora dos direitos.

LIBRETO DE **W. H. AUDEN E CHESTER KALLMAN**



MANUAL DO ESPECTADOR

Cuidado coletivo para um espetáculo seguro: confira abaixo as regras para a retomada da programação presencial. A colaboração consciente de todos é essencial!

COMPROVANTE DE VACINAÇÃO

A partir do dia 11 de novembro de 2021, nas apresentações que ocorrem em nossa Sala de Espetáculos, pediremos a apresentação do comprovante de vacinação contra o covid-19 com, no mínimo, a primeira dose. Você pode apresentá-lo tanto na forma física (carteirinha de vacinação) como na digital (disponível nos aplicativos Conecte SUS, Poupatempo Digital e E-saúde SP).

USO DE MÁSCARAS

O uso de máscara PFF2/N95 (preferencialmente) ou cirúrgica, assim como o uso correto (cobrindo a boca e o nariz), é obrigatório durante todo o espetáculo. Não será permitida a entrada de pessoas sem máscaras. Não será permitido o consumo de alimentos durante os concertos e as visitas educativas.

HIGIENE

Mantenha sempre as mãos limpas; distribuímos totens de álcool em gel por todo o ambiente e os banheiros são higienizados com frequência.

DURAÇÃO E INTERVALO

Os espetáculos programados são mais curtos e sem intervalos.

Agradecemos por respeitar as orientações e, em caso de dúvidas, consulte o **Manual do Espectador** completo ou acione um de nossos orientadores de público.

BEM-VINDOS À ÓPERA,

Sejam bem-vindas e bem-vindos ao Theatro Municipal de São Paulo.

Abaixo algumas informações para aproveitar da melhor forma esta experiência única.

FOTOS E VÍDEOS

Lembramos que não estão autorizadas gravações, fotos e filmagens durante a apresentação sem prévio consentimento. Fotos dentro da sala são permitidas somente antes e depois do espetáculo ou nos intervalos. No hall de entrada e nas escadarias do Theatro, as fotos também estão liberadas. Aproveite e publique marcando @theatromunicipal.

CONVERSAS

Conversas e comentários, ainda que sussurrados, incomodam muito os outros espectadores. Espere o intervalo para compartilhar suas impressões.

CADEIRAS

Nossas belas e icônicas cadeiras passam regularmente por manutenção. No entanto, se alguma delas ranger, tenha paciência e procure fazer o mínimo de barulho. Apesar de terem presenciado centenas de óperas, elas não chegaram a ser afinadas.

APLAUSOS

Se você gostou muito da interpretação de uma ária, não há necessidade de aplausos a cada trecho cantado ou tocado da ópera. No final dos atos e do espetáculo, você pode se manifestar à vontade.

ALIMENTOS

Não é permitida a entrada com comidas e bebidas no interior da Sala de Espetáculos. Pedimos especial atenção aos papéis de bala, que podem fazer um barulho e tanto.

CRIANÇAS

É sempre uma alegria ver crianças em nossa casa centenária! Pedimos especial atenção aos pais e responsáveis, pois, além da duração, as óperas abordam diferentes temas, alguns dos quais podem não ser apropriados para crianças menores.



ANDREA
CARUSO
SATURNINO



13

ROBERTO
MINCZUK



14

MARIA THAIS
E JULIANNA
SANTOS



15

IRINEU
FRANÇO
PERPÉTUO



19

SINOPSE



22

LIBRETO
ORIGINAL
E TRADUÇÃO



25

BIOGRAFIAS



26

FICHA TÉCNICA



49



No cinquentenário do falecimento do compositor russo Igor Stravinsky, o Theatro Municipal de São Paulo convida o público a prestigiar sua obra *The Rake's Progress*. A ópera encerra a temporada lírica de 2021, da programação “Liberdades Reinventadas”, iniciada em setembro com a celebração do centenário de Astor Piazzola na ópera *Maria de Buenos Aires*, seguida por *A voz humana*, de Francis Poulenc, em outubro.

A origem da ópera remonta o ano de 1947 quando, ao visitar o Instituto de Artes de Chicago, Stravinsky inspira-se no conjunto de gravuras sequenciais intituladas *The Rake's Progress* do artista inglês William Hogarth (1697-1764), cujas pinturas originais encontram-se no Soane Museum, em Londres. Partindo destas gravuras, Stravinsky deu início à concepção de sua ópera homônima no ano seguinte, em 1948. As gravuras representam personagens complexos com detalhes codificados por símbolos que contam a história da ascensão, ruína e queda de Tom Rakewell. O libreto registra as minúcias destas gravuras, atualizando a leitura para a contemporaneidade, nos provocando a refletir sobre a fracassada busca humana em nome da suposta realização. Original de Wystan Hugh Auden e Chester Kallman, o libreto é na língua inglesa, idioma dos EUA, país em que Stravinsky estava radicado desde 1939, adotando a cidadania em 1945.

The Rake's Progress, uma das obras-primas do século passado, reafirma a importância do imenso artista Stravinsky, figura fundamental na arte do século XX. A atual montagem inaugura o retorno da totalidade do público ao Municipal, após um longo período de restrições por causa da pandemia. Marca, portanto, a volta do encontro pós um trauma coletivo, situação de certo modo parecida ao contexto do pós-guerra de sua estreia. Para refletir a conjuntura do momento atual e tecer a leitura da obra, convidamos a diretora Maria Thais, grande pesquisadora da arte russa, e a diretora Julianna Santos, para compartilharem a criação cênica.

O resultado desse encontro amplia o que inicialmente havíamos imaginado, reforçando o caráter coletivo do nosso fazer. É um prazer tê-los conosco nessa nova aventura. Desejamos a todas e todos um ótimo espetáculo.

Andrea Caruso Saturnino

Diretora Geral

Complexo Theatro Municipal de São
Paulo



Igor Stravinsky compôs sete óperas. Considerada por muitos especialistas como uma das mais elaboradas, *The Rake's Progress* é, também, a mais conhecida.

Cerca de 30 ou 40 anos antes, ele havia obtido reconhecimento ao compor alguns dos mais importantes balés da história, como *Pássaro de Fogo*, *Petrushka* e *Sagração da Primavera*. Quando escreveu *The Rake's Progress*, Stravinsky recriou seu próprio estilo, de forma a voltar aos primórdios dos períodos clássico e barroco. Algo que poderíamos considerar como “o período neoclássico da carreira do compositor” e que permitiu que escrevesse uma ópera no estilo de “Mozart” e que flertava com Bach e Haendel.

Vale a pena observar a participação do “Cravo” – instrumento muito usado nos períodos barroco e clássico – e a própria formação orquestral, que também remonta aos mesmos períodos. Stravinsky explora a leveza e a simplicidade na textura musical tanto nos solos dos cantores, como na parte orquestral e coral. Orquestra e coro têm papel fundamental, quase como protagonistas.

O libreto de *The Rake's Progress* é um capítulo à parte. Um trabalho genial. Posso afirmar que, na minha opinião, o libreto é tão grandioso quanto a música. Texto e poesia tão bem-escritos que fazem jus não só a esta ópera, mas ao conjunto da obra do compositor.

Stravinsky era um homem muito religioso, um homem de fé cristã que acreditava nas virtudes do ser humano. Este trabalho reflete esse lado do compositor. Uma composição muito pessoal, que revela traços do que Stravinsky pensava e de como enxergava a vida. Em *The Rake's*, ele narra uma história claramente baseada no *Fausto*, de Goethe, com todas as tentações e provações pelas quais o ser humano passa – poder, dinheiro, luxúria, inveja etc. A personagem principal – Tom Rackwell – atravessa essa jornada humana – e tão real – que nos remete, em algum momento, às situações que todos nós vivemos ao longo da vida. Por outro lado, Stravinsky apresenta personagens como Anne Trulove, que mostra a natureza intrinsecamente boa das pessoas.

Uma ópera que, apesar de apresentar sentimentos menos fáceis como arrependimento e decepção, traz uma mensagem otimista com vistas ao desejo de transformação e de crescimento.

Roberto Minczuk
Direção musical
e regência

Maestro Titular da
Orquestra Sinfônica
Municipal



A ópera *The Rake's Progress* estreou em 1951, no Teatro La Fenice, Veneza, sob a regência de Igor Stravinsky (com cenografia do mestre italiano Gianni Ratto, figura fundamental para a cena brasileira).

Sabemos que a inspiração para compor a ópera nasceu da visita do compositor ao Instituto de Artes de Chicago, em 1947, onde viu a série *The Rake's Progress (A Carreira do Libertino)*, do pintor inglês William Hogarth. Descrevendo aspectos da vida moral moderna inglesa do período, com uma percepção irônica e satírica da condição humana, traços que caracterizam a obra do pintor britânico, a série mostra a ascensão e a queda de Tom Rakewell. Stravinsky, artista russo radicado nos Estados Unidos desde 1939, manifesta então o desejo de escrever uma ópera em inglês e se associa ao amigo e poeta anglo americano Wystan Hugh Auden, que desenvolve o libreto com o poeta americano Chester Kallman. Mas o que da obra de Hogarth, que apresenta um propenso libertino do século XVIII, interessa ao compositor e aos libretistas, já que se valem das situações pictóricas sem, contudo, reproduzi-las?

A ópera, produzida no período pós-Segunda Guerra Mundial, parece traduzir uma perspectiva inquietante sobre os desejos, as escolhas e os pactos que o viver apresenta. Seus criadores, que vivenciaram diretamente os movimentos artísticos e sociais da primeira metade do século XX, as grandes guerras, as vanguardas artísticas, o surgimento da sétima arte etc., inserem o seu herói nas “histórias de Fausto” que sempre são “associadas ao ferreiro, ao médico, ao mágico, salvo ou condenado. Estão portanto em causa o conhecimento, a magia, a repressão sobre as ações iniciáticas do pacto...”¹.

Nos parece, no entanto, que em *The Rake's Progress* os **pactos** não visam o conhecimento e nem se inserem em uma tradição iniciática. “I wish” (eu desejo), repete Rakewell em diferentes momentos da obra. Ser rico, feliz, ter sucesso, são desejos que manifesta e que serão, *magicamente*, atendidos por Nick Shadow, personagem que adentra o mundo campesino no qual vive o jovem Tom para anunciar uma herança e propor o pacto (com validade de *um ano e um dia*) que vai conduzi-lo para uma nova vida, londrina. É no espelhamento entre Rakewell e Shadow – *sombra*, como o próprio epíteto diz – que o compositor e os libretistas constroem sua narrativa fáustica, atualizando uma história que ultrapassa *tempos-lugares*.

1 PIRES FERREIRA, Jerusa.
Relato mítico e ação narrativa,
do ferreiro ao Fausto.
Projeto História, São Paulo,
(16), fev. 1998.

Stravinsky reconhecia, em consonância com o pensamento russo, a existência do diabo e observava que este se manifesta na vida ordinária, disfarçando-se, para agir de forma assertiva. Lembremos que nos contos populares russos e nos escritos de A. Púchkin, F. Sologub, F. Dostoiévski, L. Tolstói, M. Bulgakóv, Marina Tsvetáieva, entre tantos outros, o diabólico é parte da condição humana, já que esta reúne esferas opostas-complementares.

Os três artistas, oriundos de diferentes nacionalidades, habitavam naquele momento uma América – do Norte (mais precisamente, Hollywood) – em franco processo desenvolvimentista, de difusão de um modelo industrial, capitalista, que prometia oportunidades para todos. Tal ilusão, produzida e sustentada por uma indústria cultural em franca expansão, se ocupava em manter o *star system* e difundir novos valores, transpondo para as telas de cinema, para a propaganda, para a arte, um modelo de existência no qual bastaria, como ensina Nick a Tom, aprender “a agir livremente” ignorando “os dois gêmeos tiranos, o apetite e a consciência”, para tornar tudo possível. Na ausência de uma dimensão relacional, ética, responsável com o viver, a satisfação dos desejos é a armadilha. E, em *The Rake's Progress*, mesmo o amor se apresenta sem idealização, e não como salvação. Ainda que Anne tente impedir a derrocada do amado, ao contrário das heroínas românticas, ela reconhece a fraqueza de Tom e que o seu amor, ao final, não redime as más escolhas que ele fez.

O compositor nomeava o tema de sua obra como “o diabo do capitalismo” e nela, de fato, o dinheiro, o viver bem (e facilmente), o sucesso e, principalmente, o domínio do tempo são as ilusões que os truques primários de Nick Shadow sustentam – que, como indicam os libretistas, o “logro” deve ser percebido pela plateia. Ainda que o engano seja evidente, muitos parecem não conseguir perceber e evitá-lo. Na trajetória de Tom, a orgia e a arruaça de um cabaré na grande metrópole, o casamento arranjado com uma estrela da indústria cultural (Baba the Turk), o negócio enganoso produzido por uma máquina mágica formam a tríade que reúne sexo, casamento e negócios falaciosos, mecanismos eficientes no qual o sistema urdido por Shadow (a *sombra*) controla e sujeita. Tom, ainda que hesite e manifeste seus conflitos, é incapaz de mudar o caminho e de sair do labirinto criado com o que pactuou para atender seus desejos.

The Rake's Progress, uma das primeiras obras operísticas produzida presencialmente pós-pandemia, foi um desafio para a equipe criativa que, antes, deveria conceber uma linguagem que atendesse aos protocolos pandêmicos, em que restrições asseguram a segurança de todos. O desafio dos distanciamentos tornou necessário, principalmente, considerar as restrições na ocupação, que exigiam um espaço cênico sem anteparos, poucos objetos, ausência de caixa cênica etc. Se as referências musicais

da ópera perpassam diferentes tradições operísticas e musicais, dialogando de forma inusual com a tradição, o libreto surpreende por sua elaborada construção poética e, principalmente, por propor um discurso direto entre os acontecimentos cênicos e os espectadores.

Tais circunstâncias nos permitiu explorar os elementos fundantes da narrativa – musical, dos acontecimentos cênicos e a poesia da palavra – e apostar nas linhas horizontais e nos planos da cena – que criam os caminhos e as encruzilhadas pelos quais percorrem as personagens e o coro –, e nas colunas verticais, – que marcam o tempo, mas que também são antenas que enraizam, criando um fio que liga céu-terra, quando, ao final, a única possibilidade de vida para Tom, e para muitos outros, é viver e morrer só, à margem.

Como nos lembra a poeta Marina Tsvetáieva “[...] o primeiro indício de que *ele*² escolheu alguém é a solidão total, sempre e em qualquer lugar — a exclusão”.³ O que tudo isso diz sobre o nosso tempo?

Retornar ao espaço cênico, após quase dois anos de isolamento pandêmico, através desta obra, redimensiona o sentido do nosso fazer artístico. A experiência de partilhar/dividir a encenação nos permitiu, como encenadoras, que não *andássemos sozinhas* e confirmou que a *concepção/criação* se faz com parceiras – como Laura Françaço, Fernanda Câmara e Tiça Camargo – e parceiros – como Aelson Lima, Fábio Retti e Márcio Medina.

Juntos, tecemos os caminhos para o encontro com os artistas da cena: o elenco de solistas – Anibal Mancini, Fernando Portari, Giovanni Tristacci, Juliana Taino, Leonardo Neiva, Lina Mendes, Luciana Bueno, Luisa Francesconi, Luiz-Ottavio Faria, Marly Montoni, Michel de Souza e Rafael Thomas –, o Coral Paulistano do Theatro Municipal de São Paulo, a orquestra, a equipe técnica, as camareiras. Com eles celebramos a cena como *espaço comum*, um ponto de encontro que se concluirá somente com a presença do público.

Assim – juntas, juntos, juntes – podemos dizer que o “canhoto” torna-se um mestre do jogo e do artifício, “como se fosse o diabo a personificação de tudo aquilo que escapa à atenção comum, de tudo aquilo que passa despercebido, de tudo o que foge à ordem ininterrupta da mesmice; como se fosse o diabo a poesia”⁴, como nos sugere a poetisa russa Marina Tsvetáieva.

Sejam bem-vindos! Bom espetáculo!

2 O diabo. ... Tsvetáieva, Marina.

3 TSVETÁIEVA, Marina. *O Diabo*. Tradução do russo de Aurora F Bernardini. São Paulo, Editora Kalinka, 2020.

4 CAMPAGNOLI, Luis Eduardo. O que foge à ordem ininterrupta da mesmice, artigo sobre o romance *O Diabo*, da poetisa e escritora Marina Tsvetáieva, publicado em 12 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://br.rbth.com/cultura/84764-o-que-foge-a-ordem-da-mesmice-tsvetaieva>





O compositor russo Igor Stravinsky (1882-1971) acreditava em Deus – mas parecia crer de forma ainda mais concreta no diabo. Se, para o Criador, ele compôs uma impressionante *Missa*, em 1948, o demônio tem papel proeminente na ópera que ele escreveria logo em seguida – *The Rake's Progress (A Carreira do Libertino)*, uma releitura do mito de Fausto, de Goethe – exatamente como o romance *O Mestre e Margarida* (1940), do russo Mikhail Bulgákov, que por sinal tem como um de seus personagens um médico chamado Stravinsky. No ano em que o mundo inteiro presta tributo ao 50º aniversário de falecimento desse compositor versátil e multifacetado, difícil imaginar homenagem mais adequada do que sua ópera mais ambiciosa, que une a revisita às convenções do teatro lírico do século XVIII e uma temática atemporal e perturbadoramente contemporânea, lidando com as pressões do tempo, as relações de poder e as limitações e as consequências das escolhas pessoais.

Stravinsky estava radicado nos Estados Unidos havia oito anos quando resolveu escrever sua ópera em inglês. A inspiração para tanto surgiu em uma visita ao Instituto de Artes de Chicago, em 2 de maio de 1947. Lá, ele viu *The Rake's Progress (A Carreira do Libertino)*, série de oito quadros do artista plástico inglês William Hogarth (1697-1764). Em seus manuscritos, Hogarth disse que almejava “pintar e gravar temas morais modernos [...], tratar meus temas como um escritor dramático; meu quadro era meu palco”. Tido como um pioneiro da “arte sequencial” ocidental (e, desta forma, das histórias em quadrinhos), Hogarth, em suas telas de 1732-3, contava a história da ascensão e queda do libertino Tom Rakewell. Escolhido o argumento, faltava o libretista. Stravinsky recorreu ao escritor britânico Aldous Huxley (1894-1963), seu vizinho na Califórnia, cuja cultura enciclopédica admirava, e que, sem hesitar, indicou um compatriota, também ele radicado nos Estados Unidos desde 1939 e naturalizado norte-americano: o poeta Wynstan Hugh Auden (1907-1973).

No ano da chegada de Stravinsky aos Estados Unidos, nas palavras de Richard Davenport-Hines, Auden “se apaixonou por Chester Kallman (1921-1975), um colegial belo, espirituoso e loiro do Brooklyn. Os dois trocaram votos em uma viagem de lua de mel ao Novo México, no verão de 1939”. O libreto de *The Rake's Progress (A Carreira do Libertino)* foi escrito a quatro mãos pelo casal. A criação da ópera está quase toda documentada em *Stravinsky – Crônica de uma Amizade*, diário que o regente norte-americano Robert Craft manteve de seu convívio íntimo com o compositor e sua esposa, Vera, de 1948 até o falecimento do autor da *Sagração da Primavera*, em 1971.

Craft relata assim um encontro entre compositor e libretista no Hotel Raleigh, em Washington, em 1948, numa reunião para discutir a obra: “Num plano meramente social, não há como imaginar duas criaturas mais diferentes do que o poeta meio andrajoso, salpicado de caspa e exalando um cheiro levemente esquisito (atributos facilmente esquecidos quando os confrontamos com sua pureza de espírito e sua exigência intelectual), e o imaculado compositor, impecável em seus trajes, recendendo a água-de-colônia”. Ele aponta ainda as crises e os temores que assolaram Stravinsky durante a partitura. Em 31 de dezembro de 1950, seu diário anota: “Absorvido na criação do *Rake*, I. S. compõe o final da cena *Methinks It Is No Shame*, manda tirar uma fotocópia em *ozalid*, prepara uma embalagem e remete pelo correio para Londres. Como pode ele, mandando a partitura em etapas para o impressor, ter certeza de que a música ainda por escrever não exigirá ajustes posteriores nas partes já concluídas? No entanto, não houve mudanças na parte já escrita da ópera durante os dois anos e meio em que ele vem trabalhando nela. Agora, mais do que nunca em todo esse período, I. S. receia morrer e deixar a ópera inacabada”.

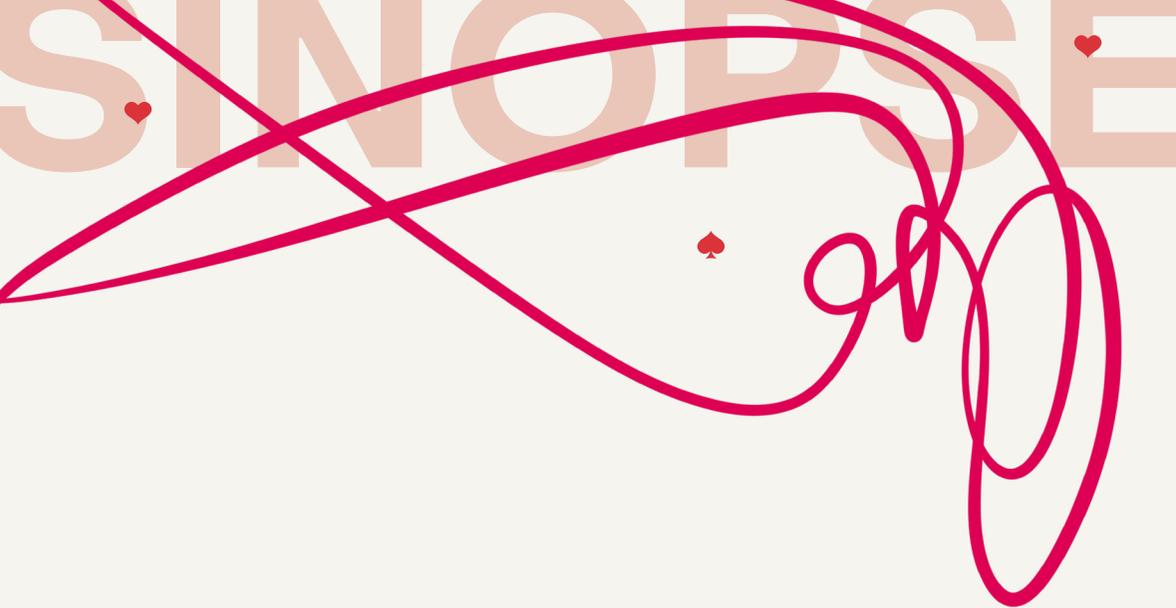
Temor infundado – Stravinsky ainda sobreviveria por duas décadas à conclusão de *The Rake's Progress (A Carreira do Libertino)*. Após mais de três anos de labuta, a partitura foi finalmente finalizada, em abril de 1951. Depois de muita discussão, a estreia foi encampada pelo XIV Festival de Música Contemporânea de Veneza (a Biennale). Em sua análise do trabalho de Auden como escritor de cena, Christopher Innes afirma: “Embora explicitamente baseada na série de gravuras satíricas de Hogarth retratando a ruína e queda de um jovem que herda uma fortuna na Londres do século XVIII, Auden a transforma em um mito quintessencial da civilização europeia (e especificamente britânica), ao sobrepor a lenda arquetípica de Fausto, ao lado da expulsão bíblica do Éden e figuras simbólicas das mascaradas”. Innes prossegue: “Ao reverter a lenda de Fausto, de acordo com uma era moderna menos religiosa, Anne não tem como salvar a vida ou a sanidade de Rakewell, mas a lembrança da imagem dela o salva de ser levado para o inferno. Em paralelo com o quinteto final de *Don Giovanni*, de Mozart, os cinco protagonistas param em frente à cortina para um epílogo, que

demonstra as lições morais ao público de forma explícita e resume a relevância do que foi visto ao adaptar um provérbio popular: o Diabo acha ocupação para ‘idle... hearts and minds’ (corações e mentes ociosos)”.

Quanto à música, o próprio compositor se explica, em texto de 1964: “Mais do que buscar formas musicais simbolicamente expressivas do conteúdo dramático (como nos exemplos labirínticos de Alban Berg), escolhi vazar *The Rake’s Progress* no molde de uma ópera ‘de números’ do século XVIII, na qual a progressão dramática depende da sucessão de peças separadas – recitativos e árias, duos, trios, coros, interlúdios instrumentais. Nas primeiras cenas, o molde é, em certa medida, muito gluckiano em sua tendência a comprimir a história no recitativo seco, estando as árias reservadas à poesia reflexiva; em seguida, porém, conforme a ópera esquentava, a história é dita, agida, contida quase inteiramente no canto – que é diferente do assim chamado canto falado [*Sprechgesang*] e da melodia contínua de Wagner, que consiste, na realidade, em um comentário orquestral que envolve um recitativo contínuo”.

No mesmo texto, mais adiante, Stravinsky se coloca uma pergunta retórica: “Pode um compositor reutilizar o passado e, ao mesmo tempo, fazer um movimento para a frente? Sem levar em conta a resposta (que é ‘sim’), essa questão acadêmica não me perturbou durante a composição... Em compensação, peço ao ouvinte que a suspenda, como eu fiz quando estava compondo, e tente descobrir, por mais difícil que possa ser, as qualidades intrínsecas à ópera”. Hoje em dia, quando a questão do que é “para a frente” e “para trás”, em arte, parece cada vez mais difusa, o que sobram são justamente as tais “qualidades intrínsecas” – que vêm garantindo a *The Rake’s Progress* (*A Carreira do Libertino*) o “status” de uma das poucas óperas escritas depois da II Guerra Mundial a realmente ter entrado no repertório das grandes casas, ao lado de *O Diálogo das Carmelitas*, de Poulenc, e *Peter Grimes*, de Britten.

Irineu Franco Perpétuo



ATO I

Cena 1

No jardim da casa de Trulove. Anne, filha do dono da casa, e Tom Rakewell celebram a primavera e o amor. Trulove sugere um emprego ao futuro genro e, diante de sua recusa, o pai de Anne demonstra preocupação com o futuro da filha. Tom despreza a ideia de ser “funcionário padrão de um escritório” e proclama seu desejo de ser rico. Surge Nick Shadow, com a notícia de que Tom foi contemplado com a herança de um tio, e se oferece como fiel servidor. Tom Rakewell deve partir imediatamente para Londres, despedindo-se da sua amada, prometendo ao futuro sogro retornar para buscá-los.

Cena 2

Bordel de Mother Goose. Tom, conduzido por Shadow, adentra o mundo londrino, onde um coro festeja a libertinagem, os enganos, os excessos, as brigas e as disputas. Shadow e Mother Goose interpelem Tom sobre o prazer, a natureza, o belo e o amor. Ele a tudo responde, mas hesita ao lembrar de Anne. Nick atrasa o relógio, demonstrando que ele pode desfrutar do tempo sem se preocupar. Tom é iniciado no mundo dos prazeres por Mother Goose.

Cena 3

Outono. No jardim de Trulove, Anna se prepara para ir a Londres em busca de Tom. Pressente que o seu silêncio é um sinal de que ele precisa do “conforto de uma mão que o ajude”. Apesar da dúvida de abandonar o pai, decide partir, respondendo à força do amor.

ATO II

Cena 1

Tom, em sua casa, em Londres, se desespera com os barulhos e a vida na cidade. Relembra a força da natureza, os prazeres e a simplicidade da vida no campo. Despreza a vida londrina, a fugacidade dos prazeres e manifesta seu desejo de ser feliz. De novo surge Shadow, apresentando um caminho que resolverá todos os seus problemas: o casamento com Baba, the Turck, estrela que arrasta multidões para vê-la.

Cena 2

Rua, em frente à casa de Tom. Anne chega e observa a casa e todo o movimento em torno dela. Chega Tom Rakewell, acompanhado de Baba, the Turck, com quem acabou de se casar. Anne estranha o grande movimento em frente à casa de seu amado. Tom a vê e tenta convencê-la a voltar para o campo. Baba chama seu marido e ele é obrigado a revelar seu casamento. Tom permanece com Baba e Anne se retira. A rua é invadida pela multidão de fãs que querem ver a estrela.

Cena 3

Casa de Tom e Baba. A estrela tagarela sobre a sua vida e os presentes que ganha de seus fãs. Entediado e irritado, Tom cobre o rosto dela com uma peruca, para fazê-la parar de falar. Ela congela, ele dorme. Nick Shadow surge trazendo uma máquina do tempo, que Tom identifica como a visão profética que teve enquanto dormia. Rakewell parte com Shadow para realizar o empreendimento, abandonando sua esposa “coisificada” em meio às suas quinquilharias.

ATO III

Cena 1

Casa de Tom. Todos os seus bens – a casa, os objetos, sua esposa – serão leiloados. Anne chega em busca do amado, e um coro de cidadãos anuncia a falência e o desaparecimento de Tom. Sellem dá início ao leilão, prometendo aos compradores “engenho e lucro”. Para surpresa de todos, Baba desperta e interrompe as vendas. Anne chega à procura de Tom, e Baba diz que Tom ainda a ama, incentivando-a a encontrá-lo. Baba sai de cena ativa, anunciando a retomada de sua vida nos palcos.

Cena 2

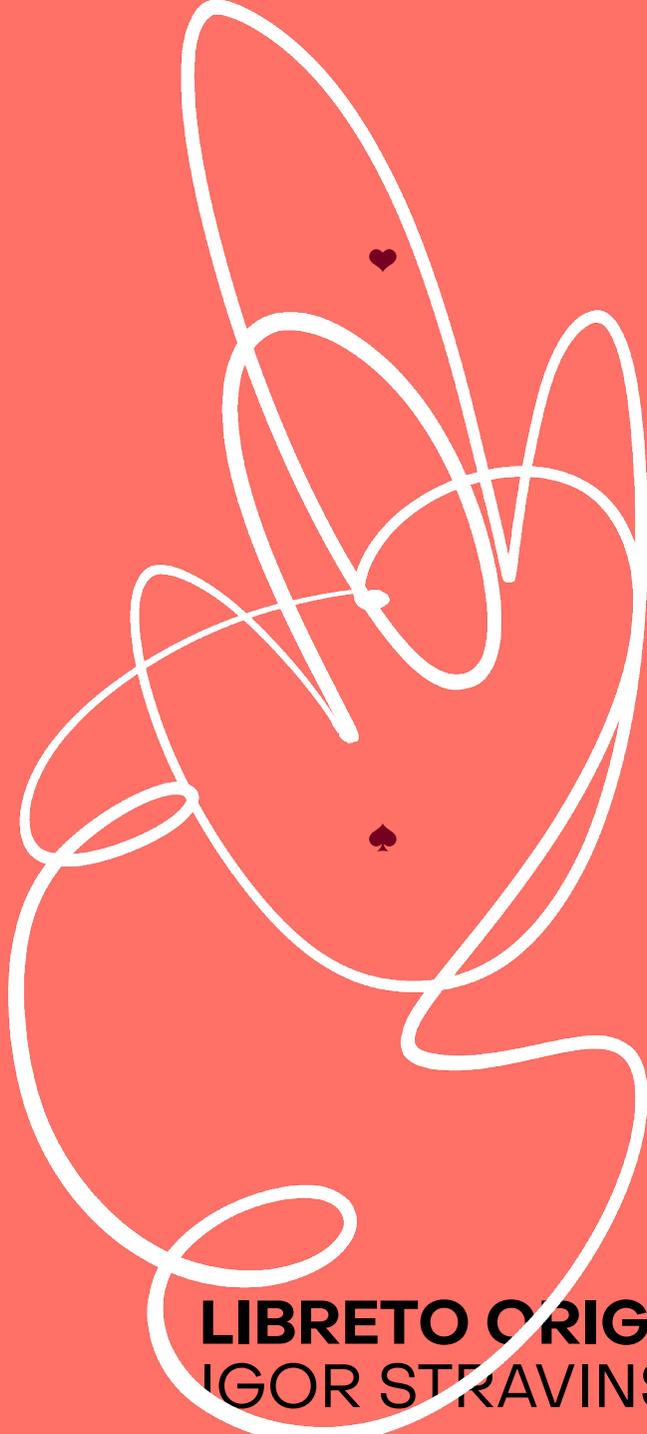
Cemitério. Um ano e um dia do primeiro encontro entre Tom e Nick, que agora exige a alma do libertino como pagamento pelos seus serviços. Como última chance de escapar do inferno, propõe um jogo de cartas. Tom, incitado pela voz de Anne, “conclama o amor, do princípio ao fim”, vencendo Shadow em todas as jogadas. Mesmo derrotado, Nick condena Rakewell à loucura. Tom, agora, acredita ser Adônis.

Cena 3

Hospício. Anne visita o amado que a reconhece como Vênus, amante de Adônis. Pede perdão. Anne/Vênus despede-se de Tom/ Adônis reconhecendo que a promessa de amor é eterna, mas que ele não precisa mais dela. Trulove conduz a filha de volta para casa. Ao acordar, Rakewell reclama a sua Anne/Vênus roubada e morre em delírio.

EPÍLOGO

Teatro. Anne, Tom, Nick, Baba e Trulove cantam *a moral da história*:
"Mãos, corações e cabeças vazias são a oficina do Diabo.
Uma oficina, senhoras e senhores, em você e em você".



LIBRETO ORIGINAL
IGOR STRAVINSKY

TRADUÇÃO HUGO CASARINI

 **THEATRO
MUNICIPAL**

CLIQUE AQUI

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri; e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.



ROBERTO MINCZUK

DIREÇÃO MUSICAL

Natural de São Paulo, Roberto Minczuk fez sua estreia como solista no Theatro Municipal de São Paulo quando tinha apenas 10 anos, como trompista. Aos 13 anos, foi escolhido por Isaac Karabtchevsky como primeira trompa da Orquestra Sinfônica Municipal e, depois disso, mudou-se para Nova York e se formou na Juilliard School of Music. Como solista, fez sua estreia no Carnegie Hall aos 17 anos. Aos 20, tornou-se membro da Orquestra Gewandhaus de Leipzig, na Alemanha. Como maestro, fez sua estreia internacional à frente da Filarmônica de Nova York, na qual, mais tarde, foi regente associado. Desde então, já regeu mais de cem orquestras internacionais. Foi diretor artístico do Festival Internacional de Inverno de Campos do Jordão, diretor artístico adjunto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), diretor artístico do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e maestro titular da Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, sendo o primeiro artista a receber o Prêmio ConcertArte, de Ribeirão Preto. Venceu o Grammy Latino e foi indicado ao Grammy Americano com o álbum *Jobim Sinfônico*. Hoje, é maestro titular da Orquestra Sinfônica Municipal, maestro emérito da Orquestra Sinfônica Brasileira, da qual foi regente titular de 2005 a 2015, e maestro emérito da Orquestra Filarmônica de Calgary, no Canadá. Em 2019, completou 25 anos de carreira.



ALESSANDRO SANGIORGI

REGÊNCIA

Nascido em Ferrara, na Itália, Alessandro Sangiorgi é formado em piano e especialista em composição e regência pelo Conservatório de Milão. No Brasil, iniciou seus trabalhos em 1990, no Theatro Municipal de São Paulo, como maestro assistente e maestro residente. Regeu renomadas orquestras brasileiras como: Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), Sinfônica da USP, Sinfônica da Bahia, Orquestra Experimental de Repertório, Sinfônica Municipal de Campinas, Sinfônica do Teatro da Paz, Sinfônica de Porto Alegre, Orquestra Petrobras Sinfônica e Camerata Antiqua de Curitiba. Foi regente convidado principal da Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal do Rio de Janeiro (1995 a 1998) e regente titular e diretor artístico da Orquestra Sinfônica do Paraná (2002 a 2010). Hoje é diretor artístico e maestro titular da Orquestra Sinfônica da Universidade Estadual de Londrina (Osuel) e regente assistente da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM).



MARIA THAIS **DIREÇÃO CÊNICA**

Professora sênior no Museu Paulista da USP, Maria Thais foi diretora residente no Centro de Pesquisa Teatral do Sesc (2020 e 2021) e, com Yghor Boy, dirigiu o documentário *Territórios de Resistência – Florestanias, Sertanias, Ribeirias*, para a TV Sesc. Com a Cia Balagan, da qual é diretora fundadora, realiza projetos de pesquisa e espetáculos como *Pentesileia – Treinamento para a Batalha Final* (2017), *Cabras – Cabeças que Voam, Cabeças que Rolam* (2016), *Recusa* (2012) e *Prometheus – A Tragédia do Fogo* (2011). Como diretora e pedagoga teatral, coordena e orienta atividades artístico-pedagógicas e acadêmicas no Brasil e em países como Itália, Rússia, Colômbia, França e México. Foi professora e orientadora do curso Gestão e Políticas Culturais, do Itaú Cultural (2018 a 2021); consultora pedagógica no curso de artes cênicas do Conservatório de Tatuí (2021); artista pesquisadora visitante no Centro Amazone, na Itália (2019); professora visitante na Paris 8-Sorbonne (2014), entre outros. É autora do livro *Na Cena do Dr. Dapertutto: Poética e Pedagogia em V.E. Meierhold* e, com Alvaro Machado, organizou o livro *Balagan – Cia de Teatro*.



JULIANNA SANTOS **DIREÇÃO CÊNICA**

Graduada em direção teatral pela UFRJ, Julianna Santos iniciou seu trabalho como assistente de direção de ópera ainda na faculdade, em 2013, em *Le Nozze di Figaro* e, desde então, trabalha nos principais teatros de ópera do país, atuando em cerca de 90 produções. Em 2021, dirigiu no Theatro Municipal do Rio de Janeiro a série Ópera de Câmara, Vozes Femininas. Dirigiu também a ópera *O Telefone*, em Santos, para transmissão on-line, bem como a vídeo-ópera *Três Minutos de Sol*, para o Festival Amazonas de Ópera. No Theatro São Pedro, em 2021, dirigiu o concerto cênico da Academia de Ópera e, 2020, a ópera *O Telefone*. Ainda no Festival Amazonas de Ópera, dirigiu a premiada *Alma*, de Claudio Santoro, *Acis and Galatea*, de Haendel, e *O Morcego*, de Johann Strauss. Em 2017, dirigiu *La Tragedie de Carmen*, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Durante quatro anos, foi diretora cênica residente no Theatro Municipal de São Paulo, sendo também responsável pela direção de montagem das óperas *La Bohème* e *Cavalleria Rusticana*. Em 2019, foi diretora cênica colaboradora na montagem de *Fausto*, no Teatro Municipal do Chile.



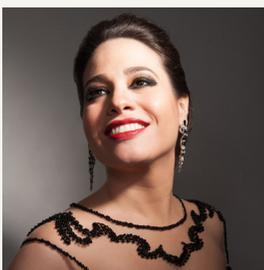
FERNANDO PORTARI TOM RAKEWELL

Nascido em Vila Isabel, no Rio de Janeiro, Fernando Portari começou seus estudos com seu pai, o tenor Pedro Portari, e, mais tarde, cursou a Escola Superior de Música de Karlsruhe, na Alemanha, com o tenor brasileiro Aldo Baldin. Há 30 anos participa das temporadas no Theatro Municipal de São Paulo, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e em destacados teatros na Itália, na Espanha, em Portugal, na Finlândia, na Alemanha, na Rússia, na Polônia e nos Estados Unidos. No Teatro alla Scala, de Milão, interpretou o papel-título em *Fausto* e em *Romeu e Julieta*, de Charles Gounod, além cantar ao lado da soprano Anna Netrebko na ópera *Manon*, na StaatsOper, de Berlim, sob a direção do maestro Daniel Barenboim. Interpretou personagens célebres como Alfredo, em *La Traviata*; Rodolfo, em *La Bohème*; Cavaradossi, em *Tosca*; Pollione, em *Norma*; Duque de Mântua, em *Rigoletto*, e Don José, em *Carmen*. Como concertista, realizou importantes solos como o *Requiem* e as missas de Mozart, o *Requiem*, de Verdi, a *Nona Sinfonia*, de Beethoven, e *O Messias*, de Haendel. Foi professor e artista residente do Festival Internacional de Música de Campos do Jordão. Em 2019, realizou o recital de comemoração de 30 anos de carreira ao lado da maestrina Priscila Bomfim, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Foi vencedor do Prêmio Carlos Gomes e do APCA.



ANIBAL MANCINI TOM RAKEWELL

O tenor Anibal Mancini é membro do elenco estável do Theatro São Pedro de São Paulo. Entre suas performances recentes destacam-se os concertos de gala no Theatro São Pedro com as interpretações de *Cessa di più Resistere* (Conde de Almaviva, *O Barbeiro de Sevilha*), *A Te o Cara* (Arturo, *I Puritani*), trechos de *A Flauta Mágica* (Tamino, Mozart) e de *La Belle Hélène* (Offenbach), além de canções de Puccini e Zandonai. Em 2016, apresentou-se no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e no Theatro São Pedro com a ópera *Don Quichotte de Massenet* (Rodríguez). Também interpretou *As Bodas no Monastério*, de Prokofiev (Antonio); *Falstaff*, de G. Verdi (Fenton); *La Donna del Lago*, de Rossini (Uberto), e *Gianni Schicchi* (Rinuccio), de Puccini. Cantou ainda a ópera *O Menino e a Liberdade*, de Ronaldo Miranda (Rapaz), e na estreia mundial da ópera *Fedra e Hipólito*, de Christopher Park (Hipólito), no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, entre outras. Foi um dos vencedores do Concurso de Canto Maria Callas, em 2011, e, em 2013, foi nomeado Revelação Lírica pelo Blog Ópera e Ballet. Estudou canto na Unirio com Mirna Rubim e Carol McDavit. Em 2019, interpretou o Conde de Almaviva em *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, e *O Messias*, de Haendel, no Theatro Municipal de São Paulo.



LINA MENDES
ANNE TRULOVE

Lina Mendes integrou a Accademia Teatro Alla Scala e o Centre de Perfeccionament del Palau de les Arts. No Palau de les Arts, foi Musetta, em *La Bohème*, e Iliá, em *Idomeneo*. Atua regularmente nos principais palcos brasileiros e europeus. Trabalhos recentes incluíram a *Nona Sinfonia* (Beethoven), no Theatro Municipal de São Paulo, sob regência de Roberto Minczuk. Na Sala São Paulo, solou a *Oitava Sinfonia*, de Mahler, sob regência de Marin Alsop, e *Pulcinella*, sob regência de Roberto Tibiriçá. No Theatro São Pedro, solou a *Quarta Sinfonia*, de Mahler, com regência de Stefan Geiger. Interpretou Valencienne na opereta *A Viúva Alegre* (Lehar), no Theatro Municipal de São Paulo, e protagonizou o musical *O Fantasma da Ópera*, como Christine Daae, em 2018/19, no Teatro Renault. Recentemente, participou da série Música de Câmara da Sala Cecília Meireles, no Rio de Janeiro, interpretando os Quartetos Vocais de Schumann e Brahms e, em Belo Horizonte, solou no *Stabat Mater*, de Pergolesi, sob regência de Sílvio Viegas, no concerto de retomada do Palácio das Artes. Lina Mendes conquistou o Prêmio Jovem Talento da Revista *Concerto* 2014.



MARLY MONTONI **ANNE TRULOVE**

Marly Montoni estreou no Theatro Municipal de São Paulo, em 2017, como Leonora, em *Fidelio*, de Beethoven. Mais tarde, foi Abigail, em *Nabucco*, de Verdi; Liú, em *Turandot*, de Puccini; solista em *El Niño*, de John Adams; *Requiem*, de Andrew Lloyd Weber; e *Meia Lágrima*, de Elodie Bouny. Entre outros trabalhos, foi protagonista em *Porgy and Bess*, de G. Gershwin, no Palácio da Artes de Belo Horizonte; cantou com a Orquestra Sinfônica de Campinas, no Festival de Ópera do Theatro da Paz, em Belém. Integrou o elenco estável do Theatro São Pedro, participando de diversas montagens de ópera cantando papéis como Odaleia, em *Condor*, de Carlos Gomes; Wally, em *La Wally*, de Alfredo Catalani; Rainha Elisabetta, em *Roberto Devereux*, de Gaetano Donizetti, e a segunda serva de *Der Zwerg*, de Alexander von Zemlinsky. Trabalhou sob direção musical de nomes como Roberto Minczuk, Silvio Viegas, Luiz Fernando Malheiro, André dos Santos, Ligia Amadio e Pedro Messias. Sob direção cênica de Caetano Vilela, William Pereira, Cleber Papa e Mauro Wrona. Marly é bacharel em canto pela Universidade Cruzeiro do Sul e aperfeiçoou-se com Antonio Lotti.



LEONARDO NEIVA NICK SHADOW

Natural de Brasília, Léo Neiva estudou com Francisco Frias na Escola de Música de Brasília, na UnB, e se aprimorou na Itália com Rita Patané e Ernesto Palacio. Venceu o concurso internacional de canto Bidu Sayão e o XII Prêmio Carlos Gomes de Melhor Cantor Solista por sua interpretação nas óperas *Sansão e Dalila* (Grand Prêtre), *Dido e Aeneas* (Aeneas) e no poema sinfônico *Kullervo*, de Jean Sibelius. Em 2013, teve sucesso com o musical *Ça Ira*, de Roger Waters. Dentre seus principais trabalhos estão apresentações como *Falstaff* (Ford), na Osesp; *O Pescador de Pérolas* (Zurga); *I Pagliacci* (Silvio) e *Thais* (Athanael), no Chile; *O Barbeiro de Sevilha* (Figaro) na estreia da Cia. Brasileira de Ópera; performances no Teatro São Carlos de Lisboa, no Festival Amazonas de Ópera, no Theatro Municipal de São Paulo, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte, e no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Participou, em 2013, da estreia brasileira de *Sonho de uma Noite de Verão*. Recentemente, estreou na França na ópera *Rienzi*, de Wagner, no Teatro Capitole de Toulouse. Gravou junto a Osesp a *Sinfonia n° 10*, de Villa-Lobos, sob regência de Isaac Karabtchevsky. É especialista em teatro musical, ministra aulas de canto e interpretação no Sesi. Em 2018, foi protagonista no musical *O Fantasma da Ópera*.



MICHEL DE SOUZA
NICK SHADOW

Mestre com distinção pela Royal Scottish Academy of Music and Drama, na Escócia, Michel de Souza fez parte do programa Jette Parker na Royal Opera House, em Londres. Tem trabalhado com artistas como Jonas Kaufmann, Roberto Alagna, Bryn Terfel, Diana Damrau, Simon Rattle, Antonio Pappano e Plácido Domingo. Cantou os papéis principais de baritono em óperas como *Le Nozze di Figaro*, *A Flauta Mágica*, *Don Giovanni*, *La Bohème*, *Carmen*, *O Elixir do Amor*, *Contos de Hoffmann*, *Ariadne auf Naxos*, *Sansão e Dalila* e participa de concertos em importantes salas como Royal Albert Hall, em Londres, Auditório de Lyon, na França, e Grande Teatro de Genebra, na Suíça. Apresenta-se com relevantes orquestras como a da BBC, da Escócia, BBC do País de Gales, Orquestra Nacional de Lyon e Filarmônica de Londres. Participou do programa Emerging Artist, da Scottish Opera, na temporada 2010/2011, integrou o ensemble de solistas do Grand Théâtre de Genève (2014 e 2015) e fez uma série de apresentações com a Orchestre National de Lyon. Atualmente reside entre Londres e Luxemburgo.



LUISA FRANCESCONI **BABA THE TURK**

Eleita a melhor cantora lírica do ano pela mídia especializada em 2018, Luisa Francesconi possui vasta experiência em palcos latino-americanos e europeus, cantando nas mais relevantes salas de concerto brasileiras. Dentre os mais de 50 personagens de ópera que já interpretou, destacam-se Carmen (*Carmen*), La Cenerentola (*Cenerentola*), Rosina (*O Barbeiro de Sevilha*), Isabella (*L'Italiana in Algeri*), Dorabella (*Così Fan Tutte*), Sesto (*La Clemenza di Tito*), Cherubino (*As Bodas de Figaro*), Idamante (*Idomeneo*), Ottavia (*L'Incoronazione di Poppea*), Orfeu (*Orfeu e Euridice*), Dido (*Dido and Eneas*), Armide (*Renaud*), Romeo (*I Capuleti e I Montecchi*), Charlotte (*Werther*), Dulcinée (*Don Quichotte*), Didone (*Les Troyens*), Octavian (*O Cavaleiro da Rosa*), Dinah (*Trouble in Tahiti*), Virgínia (*O Anjo Negro*), além de vasto repertório de concerto. Sua interpretação do ciclo *O Fauno e a Pastora*, de Igor Stravinsky, junto à Orquestra Filarmônica de Minas Gerais, sob a regência de Fabio Mechetti, é destaque da temporada erudita de 2021. Trabalhou com regentes como Marin Alsop, Heinz Holliger, Claus Peter Flor, Louis Langrée, Julia Jones, Rodolfo Fischer, Ramón Tebar, Ragnar Bohlin e muitos outros. Luisa Francesconi é mestre em música (ópera) pela Unesp.



LUCIANA BUENO
BABA THE TURK

Luciana Bueno estreou em *O Barbeiro de Sevilha*, de Rossini, como Rosina, sob direção de Enzo Dara. Desde então, tem se apresentado como Carmen (*Carmen*), Donna Elvira (*Don Giovanni*), Santuzza (*Cavalleria Rusticana*), João (*João e Maria*), Meg Page (*Falstaff*), Katisha (*O Mikado*), Giulietta (*Os Contos de Hoffmann*), Aksinya (*Lady Macbeth de Mtsensk*), La Cenerentola (*Cenerentola*), Romeo (*I Capuleti e I Montecchi*), Mãe (*Poranduba*), Teresa (*Magdalena*), Mãe/Xicara Chinesa/Libélula (*O Menino e os Sortilégios*), Marguerite (*A Danação de Fausto*), Dido (*Dido e Aeneas*), Miss Jessel (*The Turn of the Screw*), Mãe (*O Menino e a Liberdade*), Mariana/Velha/Rita (*Um Homem Só*), Hermia (*Sonho de uma Noite de Verão*), Annio (*La Clemenza di Tito*) e Suzuki, em *Madama Butterfly*, na Royal Opera Canada. Foi solista no *Messias*, de Haendel, no *Requiem*, de Verdi, na *Missa em Dó Menor*, de Mozart, na *Missa Solemnis* e na *Nona Sinfonia*, ambas de Beethoven, na *Lobgesang*, de Mendelssohn, *Sinfonia n° 2* e *Lieder Eines Fahrenden Gesellen*, de Mahler. Foi Lady Thiang no musical *O Rei e Eu*, com direção de Jorge Takla.



JULIANA TAINO **MOTHER GOOSE**

Nascida em 1991, a mezzo soprano Juliana Taino é formada em música pela Faculdade de Artes Alcântara Machado, em São Paulo. Fez parte das primeiras turmas do Opera Studio do Theatro Municipal de São Paulo e da Academia de Ópera do Theatro São Pedro. Foi semifinalista da Academia de Ópera de Paris e vencedora do Concurso Jovens Solistas da Fundação Clóvis Salgado, do Concurso de Canto Maria Callas, do Concurso de Canto Linus Lerner e da Academia de Ópera de Florença. Atuando desde 2011, já foi solista da *Nona Sinfonia*, de Beethoven, e participou das óperas *Dido e Eneas* (H. Purcell), como a segunda bruxa; *Carmen* (G. Bizet), como Carmen e Mercedes; *A Flauta Mágica* (W. A. Mozart, como a primeira e a segunda damas; *A Escada de Seda* (G. Rossini), como Lucila; *Nabucco* (Verdi), como Fenen; *La Traviata* (Verdi), como Flora; *Rigoletto* (Verdi), como Maddalena, no Theatro Municipal de São Paulo; *Porgy and Bess* (G. Gershwin), como Maria, no Palácio das Artes de Belo Horizonte; *Sonho de uma Noite de Verão* (Britten), como Hippolyta, e *Maria de Buenos Aires* (Piazzolla), como Maria, no Theatro São Pedro. Também fez parte do elenco de *Cavalleria Rusticana* (P. Mascagni), *Vanessa* (S. Barber) e *O Cônsul* (G. C. Menotti), no Teatro Adamastor, na cidade de Guarulhos.



LUIZ-OTTAVIO FARIA **FATHER TRULOVE**

O baixo Luiz-Ottavio Faria é formado pela Juilliard School of Music, de Nova York, e foi aluno da Escola de Música Villa-Lobos, do Conservatório Brasileiro de Música e da Universidade do Rio de Janeiro, além de frequentar o American Institute of Music Studies, na Áustria. Fez sua estreia mundial na ópera *Um Baile de Máscaras*, de Verdi, no papel de Tommaso, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro e no Theatro Municipal de São Paulo. Mais tarde, cantou Commendatore (*Don Giovanni*), Ramfis (*Aida*), Sparafucile (*Rigoletto*), Sarastro (*A Flauta Mágica*), Colline (*La Bohème*), Banquo (*Macbeth*), Oroveso (*Norma*), Zaccaria (*Nabucco*) e Timur (*Turandot*). Entre 2018 e 2020, apresentou-se em países como Itália, França, Omã, Espanha, Portugal e Uruguai, além de se apresentar no Theatro Municipal em São Paulo e no 22º Festival Amazonas de Ópera. Em 2021, integra o elenco de *I Puritani* no Festival de Ópera de A Coruña, na Espanha, e interpreta Sparafucile, de *Rigoletto*, com a Ópera Nacional de Montpellier, na França. Em maio de 2022, canta a *Nona Sinfonia*, de Beethoven, com a Detroit Symphony Orchestra sob regência de Jader Bignamini.



GIOVANNI TRISTACCI SELLEM

Giovanni Tristacci tem sólida carreira nacional e internacional no meio da música lírica, com presença constante nas principais casas de ópera do Brasil e em algumas casas da América Latina e Europa. Trabalhou com grandes maestros como Patrick Fourniller (França), Silvio Viegas (Brasil), Luis Malheiro (Brasil), Alberto Zedda (Itália), Christopher Warren-Green (Inglaterra) e Ira Levin (EUA). Apresentou-se em importantes salas como Bozar (Bruxelas), Theatro Municipal de São Paulo (São Paulo), Theatro Municipal do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro), Palácio das Artes (Belo Horizonte), Theatro da Paz (Bélem) e Theatro Amazonas (Manaus). É bacharel em canto pela UFRJ, pós-graduado em canto lírico no Conservatório do Liceu de Barcelona (Espanha) e possui especialização no Centro de Perfeccionament Plácido Domingo, em Valência (Espanha), e na Chapelle Musicale Reine Elizabeth, em Bruxelas, na Bélgica.



RAFAEL THOMAS **KEEPER OF THE MADHOUSE**

Bacharel em canto pela Unirio sob a orientação da professora Eliane Sampaio, Rafael Thomas recebeu bolsa de estudo em aprimoramento vocal no Centro de Cultura Calouste Gulbenkian (2005), em Paris, sob a orientação de Jorge Chaminé. Entre seus principais trabalhos constam: solista no concerto e no CD de comemoração dos 200 anos da chegada da família real portuguesa ao Brasil com a obra *Missa de Nossa Senhora da Conceição*, do Padre José Maurício Nunes Garcia, com a Orquestra Sinfônica Brasileira (OSB), sob a direção de Roberto Minczuk; a ópera *Fidelio*, de Beethoven, no papel de Don Fernando, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, e a *Paixão Segundo São João*, de Bach, ambas com a OSB e direção de Roberto Minczuk. Foi solista na estreia brasileira da ópera *Billy Budd* (2013), no Theatro Municipal do Rio de Janeiro, sob a regência de Isaac Karabtchevsky, e na ópera *Os Contos de Hoffmann*, nos papéis de Lindorf, Coppélius, Dapertutto e Dr. Miracle, no Theatro São Pedro, de São Paulo, sob regência de André dos Santos. Em 2016, em Paris, participou da masterclass e montagem da ópera *La Cenerentola*, de Rossini, no papel de Don Magnifico. Integrou o elenco solista da ópera *O Cavaleiro da Rosa* (2019), no Theatro Municipal de São Paulo, onde é integrante do Coro Lírico Municipal.



MÁRCIO MEDINA CENÁRIO

Diretor de arte e cenógrafo, Márcio Medina é um artista de vasta inventividade, transitando pelo erudito e o popular com considerável assiduidade. Colaborador constante de várias companhias e um dos diretores de arte mais requisitados, é cenógrafo, há mais de 30 anos, do Centro de Experimentação e Pesquisa Teatral de Pontedera, na Itália, legendário centro que abrigou e trabalha a partir dos conceitos de Jerzy Grotowski. No Brasil, trabalhou com diretores e companhias como José Celso Martinez Corrêa, Fauzi Arap, José Possi Neto, Yara de Novaes, Gil Vicente Tavares (espetáculo *Tentações de Padre Cícero* e a ópera *Lídia de Oxum*), Marco Antonio Rodrigues (*Enq, o Gnomo, Verás que Tudo É Mentira, Erêndira* e a ópera *O Guarani*), Cia Livre Cibele Forjaz, Cia Balagan (direção de Maria Thais), Teatro da Vertigem, Grupo Galpão e Companhia do Latão. Representou o Brasil na Quadrienal de Praga, onde *Br3* – espetáculo do Teatro Vertigem realizado no Rio Tietê, em São Paulo – foi premiado com a Triga de Ouro de Melhor Realização de uma Produção.



LAURA FRANÇOZO FIGURINO

Licenciada e bacharel em artes visuais pela Universidade Estadual de Campinas (2011), Laura Françaço é mestre em artes pelo programa de pós-graduação em artes cênicas da USP (2015). Fez sua estreia como figurinista em óperas com a montagem *Onde Vivem os Monstros*, de Oliver Knussen, no Theatro São Pedro (2016). Foi responsável por figurinos no Festival Amazonas de Ópera, assistente de figurino em montagens no Theatro Municipal de São Paulo, figurinista no Teatro Sérgio Cardoso e em espetáculos de balé e circo. Em 2018, fez assistência de figurinos para Sofia di Nunzio na ópera *Turandot*, no Theatro Municipal de São Paulo, com direção de André Heller-Lopes. Em 2019, desenhou os figurinos da ópera *Alma*, de Claudio Santoro, com direção de Julianna Santos. Foi responsável também pelos desenhos de figurinos para o balé *Mater Dolorosa*, concepção de Átila de Paula e Monique Leite.



FÁBIO RETTI ILUMINAÇÃO

Um dos principais iluminadores associados à ópera no Brasil, Fábio Retti iniciou sua formação profissional em 1996, no Centro de Pesquisa Teatral. Fez sua estreia na cena operística em 2005, com *Così Fan Tutte*. Desde então, concebeu a luz de mais de 90 títulos do repertório operístico nos principais teatros e festivais da América Latina e da Europa. Com forte atuação em várias áreas das artes cênicas, destacam-se por trabalhos junto a nomes expressivos como Raul Cortez, Thiago Lacerda, Giulia Gam, Débora Falabella, Maria Thais, Eliane Giardine, Cacá Carvalho, Roberto Bacci, Tadashi Endo e Morena Nascimento. Foi agraciado com o Prêmio Carlos Gomes de ópera na categoria Iluminação por *Andrea Chenier* e *Rigoletto*. Venceu ainda a 20ª edição do Prêmio Shell de Teatro com o espetáculo *O Homem Provisório*, entre outros prêmios e várias indicações.



TIÇA CAMARGO

VISAGISMO

Mulher parda, visagista e caracterizadora há dez anos em teatro, TV e cinema, Tiça Camargo é especializada na produção de óperas e grandes espetáculos.

De 2013 a 2015, assumiu as temporadas líricas do Theatro Municipal de São Paulo, onde, a partir de 2016, passou a ser visagista residente. Em 2017, realizou intercâmbio para o Teatro Colón (Argentina). No Theatro São Pedro, foi responsável pelo visagismo de *Sonho de uma Noite de Verão* (2018), *La Clemenza di Tito* (2019) e *Alcina* (2017). No Theatro Municipal de São Paulo, fez o visagismo de *Rigoletto* (2019). Foi responsável pelos workshops de visagismo na Academia de Ópera do Theatro São Pedro e ministrou o curso Maquiagem Artística para a Ópera (2020), no XIX Festival de Ópera do Theatro da Paz. Em 2021, assinou o espetáculo *Transe*, de Clébio Oliveira, com o Balé da Cidade de São Paulo, e idealizou e coordenou as atividades do ciclo de debates Os Invisíveis, do Coletivo Mandarina. Atua como representante da categoria dos artistas de criação no Fórum Brasileiro de Ópera, Dança e Música de Concerto (FODM) e é uma das idealizadoras do movimento Salve Coxia.



AELSON LIMA

ASSISTÊNCIA DE DIREÇÃO CÊNICA

Com 15 anos de experiência na área cultural e socioeducativa, Aelson Lima é assistente de direção cênica, produtor cultural, ator e arte educador.

Formado em educação artística com habilitação em artes cênicas na Faculdade Paulista de Artes (2009), trabalha no desenvolvimento de espetáculos teatrais, dança, shows, óperas, concertos e eventos em geral.

Como assistente de direção cênica, trabalhou nas seguintes montagens: *A Mansão Veit e Vamos a Guerra, Filhos da Terra*, com direção de André Domicciano, Cia. Teatral Um Peixe (2007/ 2017); *O Berço do Herói*, com direção de Analy Alvarez, Cia. Aos Trancos e Barrancos (2008); as óperas *La Bohème*, com direção de remontagem de Julianna Santos; *Lady Macbeth*, com direção de Dmitry Berman; *Elektra*, com direção de Livia Sabag, e *Fosca*, com direção de Stefano Poda, todas no Theatro Municipal de São Paulo (2016).



THE RAKE'S PROGRESS

DE IGOR STRAVINSKY

NOV 2021

11 e 12 QUINTA e SEXTA 19H

13 e 14 SÁBADO e DOMINGO 17H

18 e 19 QUINTA e SEXTA 19H

20 e 21 SÁBADO e DOMINGO 17H

Roberto Minczuk direção musical e regência (11, 12, 13 e 14)

Alessandro Sangiorgi regência (18, 19, 20 e 21)

Maria Thais e Julianna Santos direção cênica

Fernando Portari (11, 13, 18 e 21) e **Anibal Mancini** (12, 14 e 19) Tom Rakewell

Lina Mendes (11, 13, 18 e 21) e **Marly Montoni** (12, 14 e 19) Anne Trulove

Leonardo Neiva (11, 13, 18 e 21) e **Michel de Souza** (12, 14 e 19) Nick Shadow

Luisa Francesconi (11, 13, 18 e 21) e **Luciana Bueno** (12, 14 e 19) Baba the Turk

Juliana Taino Mother Goose

Luiz-Ottavio Faria Father Trulove

Giovanni Tristacci Sellem

Rafael Thomas Keeper of the Madhouse

Márcio Medina cenário

Laura Françaço figurino*

Fábio Retti iluminação

Tiça Camargo visagismo

Anderson Brenner e **Karin Uzun** pianistas correpetidores

Aelson Lima assistente de direção

Figurino

Cinézio Silva Neto e **Danielle Tereza de Arruda** modelistas

Ivete Dias e **Altina Dias** costureiras

Maurício da Silva Santos cortador

Visagismo

Joyce Dantas de Araújo Freire assistente de visagismo

Camila Rodrigues Amorim do Passos, Edlene Sousa dos Santos, José Nelson Lopes Júnior e **Suellem Grayce Evangelista Melquiades** maquiagem e cabelo

Cenário

Fernanda Camara assistente de cenografia

Enrique Casas, Fernando Zimolo, Rafael Alcântara, Wanderley Wagner e **William Zimolo** equipe cenotécnica complementar

*Desenho de figurinos originais e seleção de peças do acervo do Theatro Municipal.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

Regente Titular Roberto Minczuk

Regente Assistente Alessandro Sangiorgi

Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Martin Tuksa, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro **Segundos Violinos** Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Roberto Faria Lopes, Wellington Rebouças, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizael da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja e Ugo Kageyama **Violas** Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas, Roberta Marcinkowski e Tiago Vieira **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raiff Dantas Barreto*, Mariana Amaral, Moisés Ferreira, Alberto Kanji, Cristina Manescu, Joel de Souza e Teresa Catto **Contrabaixos** Brian Fountain*, Tais Gomes*, Adriano Costa Chaves, Sanderson Cortez Paz, André Teruo, Miguel Dombrowski, Vinicius Paranhos e Walter Müller **Flautas** Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros **Oboés** Alexandre Ficarelli*, Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov e Rodolfo Hatakeyama **Clarinetes** Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias e Marta Vidigal **Fagotes** Matthew Taylor*,

Marcos Fokin*, Facundo Cantero, Marcelo Toni e Renato Perez **Trompas** André Ficarelli*, Thiago Ariel*, Daniel Filho, Eric Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez e Wagner Rebouças **Trompetes** Fernando Lopez*, Breno Fleury, Eduardo Madeira e Thiago Araújo **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Hugo Ksenhuk, Luiz Cruz e Marim Meira **Tuba** Luiz Serralheiro* **Harpas** Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Piano** Cecília Moita* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli e Thiago Lamattina **Timpanos** Danilo Valle* e Márcia Fernandes* **Coordenadora Administrativa** Mariana Bonzanini **Inspetor** Carlos Nunes **Auxiliares de Escritório** Flávia Campos, Laysa Padilha de Souza Oliveira e Priscila Campos / *Chefe de naípe **Músico convidado

CORAL PAULISTANO

Regente Maira Ferreira

Sopranos Adriana Hye Kim, Aymée Wentz, Dênia Campos, Eliane Aquino, Indhyra Gonfio, Larissa Lacerda, Luciana Crepaldi, Marly Jaquiel, Nariiane Camacho, Raquel Manoel, Rosemeire Moreira, Samira Hassan, Sira Milani e Vanessa Mello **Contraltos** Adriana Clis, Andréia Abreu, Gilzane Castellan, Helder Savir, Kátia Novaes, Lúcia Peterlevitz, Regina Lucatto, Samira Rahal, Silvana Ferreira, Taiane Ferreira, Tania Viana e Vera Platt **Tenores** Fábio Diniz, Fernando Grecco, Fernando Mattos, José Palomares, Marcio Bassous, Marcus Loureiro, Pedro Vaccari, Ricardo Iozzi e Thiago Montenegro **Baixos** Ademir Costa, Jan Szot, Jonas Mendes, José Maria Cardoso, Josué Alves, Marcelo Santos, Paulo Vaz, Xavier Silva e Yuri Souza **Pianistas** Renato Figueiredo e Rosana Civile **Gerente de Coro** Valdemir Silva **Inspetor** João Blasio **Auxiliar Administrativa** Ana Flávia Costa

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeito Ricardo Nunes

Secretária Municipal de Cultura Aline Torres

Secretária Adjunta Antonia Soares André de Souza

Chefe de Gabinete Danillo Nunes

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretor Geral Interino Danillo Nunes

Direção Artística Bruno Imparato

Direção de Formação Ruby Vásquez Núñez

Produção Executiva Gisa Gabriel

CONSELHO ADMINISTRATIVO SUSTENIDOS

André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Eduardo Saron, Gildemar Oliveira, Leonardo Matrone, Magda Pucci, Monica Rosenberg e Wellington do C. M. de Araújo

CONSELHO CONSULTIVO SUSTENIDOS

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Benjamin Taubkin, Carlos Henrique Freitas de Oliveira, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Lia Rosenberg, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

CONSELHO FISCAL SUSTENIDOS

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

EQUIPE SUSTENIDOS (THEATRO MUNICIPAL)

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa
Diretor Administrativo Financeiro Renato Musa dos Santos
Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas
Gerente de Desenvolvimento de Pessoas Camila Rodrigues Harada
Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing Heloisa Garcia da Mota
Controller Leandro Mariano Barreto
Contador Luis Carlos Trentow
Comprador Paulo Henrique Rissieri
Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira

COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretora Geral Andrea Caruso Saturnino
Secretária Executiva Valeria Kurji
Gerente Geral de Operações e Finanças Eduardo Augusto Sena
Coordenadora de Programação Elisa Maria Americano Saintive **Equipe de Programação** Camila Honorato Moreira de Almeida, Eduardo Dias Santana e Guilherme Galdino Borges **Gerente da Musicoteca** Maria Elisa Pasqualini (Milly)
Equipe da Musicoteca Cassio Mendes Antas, Jonatas Ribeiro, Karen Feldman, Milton Tadashi Nakamoto, Roberto Dorigatti, Rodrigo Padovan Grassmann Ferreira e Thiago Ribeiro Francisco **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner
Gerente de Produção Regiane Miciano
Equipe de Produção Felipe Costa, Jonathan Boettcher de Paula, Luiz Alex Tasso, Maira Scarello, Mariana Perin, Marina da Costa Jurado, Nathália Costa, Rosa Casalli, Rosana Taketomi, Rosângela Reis Longhi, Suzana Santos Barbosa Grem e Yara Cristina Ferrauto
Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes
Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Equipe de Educação** Dayana Correa da Cunha, Igor Antunes Silva, Julia Santos Oliveira, Leandro Mendes da Silva, Luciana de Souza Bernardo, Luiz Augusto Soares Pereira da Silva, Mateus Masakichi Yamaguchi, Nina Gagliardi Kaufmann e Renata Raissa Pirra Garducci
Coordenador de Acervo e Pesquisa Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe Acervo e Pesquisa** Alexandre Ferreira Xavier, Anita de Souza Lazarim, Guilherme Lopes Vieira e Rafael de Araujo Oliveira
Diretor Técnico de Palco Sérgio Ferreira
Coordenador de Palco Gabriel Barone Ramos **Equipe Técnica e Administrativa de Palco** Adalberto Alves de Souza, Bruno Lopes Siqueira dos Santos, Diogo de Paula Ribeiro, Helen Ferla Lopes, Jonas Pereira Soares, Jose Hilton de Oliveira Junior, Luiz Carlos Lemes e Sônia Ruberti **Gestor de Cenotécnica** Anibal Marques (Pelé) **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Bruno Vieira Dias, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Davida Candido, Igor Mota Paula, Ivaldo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Jaqueline Alves Santana, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta, Paulo Henrique São Bento, Paulo Mafrense de Sousa e Ronaldo Batista dos Santos **Equipe de Contrarregragem** Alessander de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino de Araújo, Edival Dias, Matheus Alves Tomé, Sandra Satomi Yamamoto, Sérgio Augusto de Souza, Thauana Garcia Renardi e Vitor Siqueira Pedro
Montadores Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Nizinho Deivid Zopelaro, Pedro Paulo Barreto, Rafael de Sá de Nardi Veloso e Renato de Freitas Pereira
Sonorização André Moro Silva, André Vitor de Andrade, Daniel Botelho, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Robson de Moura Barros **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira,

Olavo Cadorini Cardoso, Sibila Gomes dos Santos, Stella Politti, Sueli Matsuzaki, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes e Wellington Cardoso Silva

Coordenação de Figurino Eunice Baía **Equipe de Figurino** Maria de Fátima, Sueli Guimarães e Walamis Santos **Camareiras** Antônia Cardoso Fonseca, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Aparecida de Mello, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins e Regiane Bierrenbach **Costureiras** Alzira Campiolo, Geralda Cristina França da Conceição e Isabel Rodrigues Martins

Equipe de Comunicação Anna Vitoria Oliveira Fernandes, Beatriz de Castro Ramos, Estevan Pelli, Isabela Fantini Guasco, Larissa Lima da Paz, Luis Henrique Santos de Souza e Stig de Labor **Gerente de Planejamento e Monitoramento** Ana Paula Godoy **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Debora da Silva Monteiro, Douglas Herval Ponso e Milena Lorana da Cruz Santos **Coordenadora de Captação de Recursos** Carolina Wakiyama Bittar **Captação de Recursos** Esdras dos Santos Silva

Gerente de Infraestrutura e Patrimônio Eduardo Spinazzola **Equipe de Infraestrutura e Patrimônio** Bárbara Morais Affonso, Carolina Ricardo, Fernanda do Val Amorim, João Pedro de Goes Moura, Jonathas Rodrigues de Oliveira, Letícia de Moura, Marisa Harumi Yamaguchi, Monica Aparecida da Silva e Rosimeire Ribeiro Gomes **Coordenador de Operações** Mauricio Souza da Silva **Coordenador de Manutenção** Stefan Salej Gome **Equipe de TI** Yudji Alessandro Otta **Segurança do Trabalho** Mateus Costa do Nascimento

Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios Luciana Gabardo dos Santos **Equipe de Parcerias e Negócios** Giovanna Campelo e Tais dos Santos Silva **Equipe de Atendimento ao Público** Claudiana de Melo Sousa, Erick de Souza Rodrigues, Jorge Rodrigo dos Santos, Kleber Roldan de Araujo, Monica de Souza, Rosimeire Pontes Carvalho, Vitoria Terlesqui de Paula e Walmir Silva do Nascimento

Coordenadora Financeira Maria Eugênia Melo de Carvalho **Equipe de Finanças e Controladoria** Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa, Jéssica Brito Oliveira, João Vithor Alves Feitosa Pianco, Kedma Encinas Almeida, Marcio Shoití Ito, Maria do Socorro Lima da Silva e Valeria de Freitas Mota Lima **Coordenador de Compras e Suprimentos** Fernando Marques Arão **Equipe de Compras e Suprimentos** Leandro Ribeiro Cunha, Raimundo Nonato Bezerra, Raphael Teixeira Lemos, Roberto Takao Honda Stancati, Rosana Aparecida Araujo Monteiro e Thauana Moura Santos **Coordenadora de Contratos** Carolina Chammas Narchi **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo e Daiana da Silva Bastos **Coordenadora de Recursos Humanos** Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Marlene Bahia dos Santos, Monik Silva Negreiros, Priscilla Pereira Gonçalves e Vitoria Fernanda do Carmo Leite

Aprendizes Alice Barbosa de Assis, Beatriz Alves de Negreiros, Endely Giglio Totolo, Evellyn de Souza Candido, Francielli Jonas Perpetuo, Igor Henrique Almeida da Silva, Leticia Lopes da Silva, Matheus Bastian Moraes, Pablo Galdino Picoloto, Rhuan Lima de Souza Cavalcante, Romário de Oliveira Santos, Wayne Lourayne Costa de Souza e Yara Maria da Silva

EXPEDIENTE DA PUBLICAÇÃO

Fotos Stig de Labor

Assistente de Fotografia Larissa Paz

Projeto Gráfico e Design Gustavo Piqueira e Samia Jacintho / Casa Rex

Editoração Carol Vapsys / Casa Rex

Edição de Conteúdo Beatriz de Castro Ramos / Equipe de Comunicação do Theatro Municipal

